

Considerações sobre o vínculo K: transitando entre presente, passado e futuro

Arnaldo Chuster^[1]

RESUMO: O autor faz analogias poéticas para ilustrar o vínculo K nos movimentos da sessão analítica. Propõe uma *grade de hipóteses* para desdobramentos do mito edípico pela ótica da arrogância, ou seja, a parte psicótica da personalidade. Aponta que nos passos de Édipo há o confronto entre a cultura, como continuidade da memória da inteligência dos outros, e a criação, seu oposto, como ruptura dessa continuidade. Entretanto, a opção entre continuidade ou ruptura dependerá do vínculo K e da sua direção: se vai em direção à memória e ao desejo, ou se vai na direção oposta, de ruptura com o que é conhecido e estabelecido. Com a definição de vínculo K, a obra de Bion torna evidente que a função da psicanálise é resguardar o pensamento e preservar no indivíduo a aquisição de autonomia social. Ela faz isso ao buscar o sentido profundo das coisas, sentido que favorece e preserva o pensamento e a capacidade para pensar.

PALAVRAS-CHAVE: vínculo K, parte psicótica da personalidade, capacidade para pensar

1. Médico psiquiatra. Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Membro efetivo do Newport Psychoanalytical Institute (NPI), Califórnia. Membro honorário e professor do Instituto W. Bion, Porto Alegre.

Um paciente, ao escutar uma construção – obviamente imaginativa – sobre um aspecto do seu passado, questiona o analista com um tom de voz irritado: “de que adianta conhecer o meu passado se isso não altera o que aconteceu? E o que adianta saber sobre meu passado se isso não afeta o meu presente? Além do mais, de onde tirou isso?”

O analista, tendo uma observação frequente sobre a dificuldade do paciente para tolerar vínculos nos quais aparece alguma imaginação – quando então tende a invejosamente atacá-los de várias formas –, respondeu:

Depende do que seja o “isso” entre nós. Apenas um passado inútil e morto? Apenas uma coisa desprezível qualquer? Ou pode tornar-se algo mais como um diálogo que pode gerar desenvolvimento? Não negarei que estou errado se você me der outra interpretação para o que foi dito.

Ele ficou calado. Levantou-se do divã e disse que ia ao banheiro. Quando voltou, continuou a falar das mesmas coisas que estava falando antes de minha intervenção.

O analista descreveu o movimento para o paciente, mostrando que ocorreu uma pausa, primeiro com o silêncio e depois com a ida ao banheiro, e que essa pausa revelou a presença de duas personalidades na mesma sala lidando com o desconhecido, que foi incômodo o bastante para gerar a ação.

Penso que a observação busca na existência da pausa uma continuidade de sentido, isto é, cria uma história, uma história da turbulência entre duas pessoas, e fornece uma nova paisagem do mundo. Mas como essa experiência pode alterar o presente ao lhe dar outro futuro? A ideia de *cesura* (Bion, 1975) como pausa silenciosa, ou um movimento de cortes e ligações que permanecem, contempla as questões envolvidas na mudança de um estado mental para outro que pode ser decisiva na compreensão psicanalítica.

Pode parecer a alguns que essa intervenção do analista foi demasiadamente vaga, por isso talvez seja necessário assinalar o contexto em que a análise vinha se desenvolvendo, com ciclos inalterados de *transformação em alucinação* (Bion, 1965).

O analista procurou, na primeira intervenção, destacar a atitude depreciativa do paciente, e nela a existência de uma premissa falsa que alimenta a lógica da alucinação. Ou seja, em virtude da rivalidade edípica primitiva e da crueldade do superego do paciente, as intervenções são sentidas como tentativas do analista de provar a superioridade da análise sobre o conhecimento do paciente. Trata-se de uma lógica que busca um resultado moral; isto é, alguém deve estar certo para que alguém esteja errado. Se isso é mostrado e traz igual incômodo, o paciente nega a existência da premissa falsa, e pode recorrer a uma situação para provar que as ações são melhores do que as palavras: outra premissa falsa para o contexto. Finalmente, se isso é apontado, podemos chegar ao problema fundamental, que é a tentativa de provar que a mentira é superior à verdade.

Bion (1962) nos sugeriu que a interpretação analítica pesquisa um conhecimento emocional que envolve três vínculos (K, L e H) e, sobretudo, deve conter algo mais do

que aumentar o conhecimento do paciente sobre si mesmo. Para tal, a interpretação deve ter o valor de preconceção. Isso ocorre quando a interpretação tem uma ação linguística psicanaliticamente bem-sucedida, e também deve ser um prelúdio para a ação, um diálogo proveitoso. Podemos dizer que a interpretação psicanalítica deve ser a transformação de um saber numa espécie de *sabedoria* que, por sua vez, conduz a um “*tornar-se*”, ou seja, um acréscimo de ser na vida do analisando. Nessa descrição existe a complexidade de um *looping autopoiético* (Chuster, 2018b).

Em palavras simplórias, correndo o risco de ocultar a complexidade, o vínculo K organiza a experiência emocional e pode lhe dar uma direção futura.

Tenho procurado ilustrar o vínculo K com uma analogia poética, o *amanhecer* e o *entardecer*. São momentos fugazes em que esse vínculo é possível; são momentos do dia durante os quais vemos certas coisas, e outras não. Neles existe o contraste entre luz e sombra, obviedade e mistério. Portanto, trata-se de uma situação que não ocorre o tempo todo na análise. Digamos que a maior parte do dia é luz ou noite, mas temos que estar preparados para destacar os momentos de contraste. Além disso, talvez nosso papel seja criar condições para que o contraste aconteça, o que depende da nossa capacidade imaginativa. Imaginar é produzir pensamentos transitórios, passar de um estado mental para outro e apontar ligações de sentido mesmo onde parecem não existir.

Também posso comparar o vínculo K com um livro que não terminei de ler e que me produz interesse em continuar lendo amanhã. O livro que foi lido não me serve mais, apenas para dar de presente a alguém ou decorar minha biblioteca. É preciso abrir a possibilidade de optar por conhecimentos incompletos, em que prevalece a incerteza, que pode um dia me dar sabedoria de vida. Caso contrário, posso me apegar no saber dos conhecimentos saturados que fazem parte da memória. Daí se depreende que é fundamental abrir mão da memória e do desejo (Bion, 1967) para que o vínculo K funcione.

Existem vários aspectos do vínculo K que podem ser desenvolvidos. Vou destacar alguns destes aspectos começando pelas possibilidades ilustrativas que me trazem a poesia “The road not taken”, de Robert Frost (1915/2016):

Em um bosque outonal a estrada bifurcou-se,
E consciente de que eu não poderia escolher as duas
Como um caminhante experiente, fiquei ali parado, pelo tempo necessário
Olhando para o chão de ambas
Vi como as folhas no chão se espalhavam;

Então tomei uma delas, seguindo a intuição,
E tendo talvez a melhor escolha da razão,
A estrada gramínea, que indicava estar sendo a mais usada ou preferida;
Pois estava desgastada por muitos caminhantes,
Ambos os caminhos naquela manhã me foram igualmente apresentados

Em um deles as folhas no chão indicavam que nenhuma pegada havia sido feita. Pois as folhas caídas não estavam enegrecidas pelas pisadas.

Ah, eu guardei o primeiro caminho para outro dia!

Pela sabedoria de que o caminho se faz caminhando,

Duvido se algum dia aí voltaria.

E digo isso como uma profecia

Para algum lugar muitos anos à frente:

Duas estradas divergiram em um bosque, e eu –

Eu estava livre e tomei a menos percorrida,

E isso fez toda a diferença.

(p. 65-66, tradução livre)

“The road not taken” é uma história sobre as histórias que contamos sobre nós mesmos e nosso mundo: nossa visão de mundo. São histórias cheias de dúvidas e possibilidades, incertezas e mistérios, meias-verdades que nos assombram, e no seu conjunto determinam como vemos a nossa vida e como pensamos sobre a vida que vivemos. Penso que o poema descreve o *vínculo K*.

O poema parece simples: um homem^[2] chega numa *encruzilhada* – física e metaforicamente – e tem de escolher um caminho para seguir.

Creio que não vou surpreender ninguém se disser que esse tipo de escolha tem uma longa participação na cultura ocidental começando pela peça *Édipo rei*, na qual Sófocles nos apresenta uma demonstração inequívoca e eterna da ressonância simbólica de uma encruzilhada (ver Orr, 2016).

Édipo: Eu pensava ter escutado você dizer que Laio foi morto numa encruzilhada.

Jocasta: Essa é a história que não quer se calar.

Édipo: Mas onde ocorreu? Seja precisa.

Jocasta: Em um lugar onde existe uma bifurcação de estradas, uma vai para Daulios e outra vai para Delfos. (p. 99, tradução livre)

Seria possível fazer uma analogia deste diálogo com o diálogo entre o analista e seu paciente?

O que ocorre quando o analista diz que o que estava acontecendo na sessão sugere que no passado o analisando vivenciara muito primitivamente uma disputa entre seu pai e sua mãe por sua posse, como filho? E acrescenta que uma catástrofe emocional ocorreu por causa dessa disputa dolorosa.

Por ter dito isso, o analista pode receber como resposta a reação mencionada no início do trabalho: isso não existe. Mas não significa que nossos esforços analíticos param aí.

Antes de Édipo confrontar-se com Laio, ele não era um rei nem um parricida,

2. Sentindo-se emocionalmente no “outono”, uma estação em que a temperatura não está nem muito quente nem muito fria; com poucos tons de cores que dominam a paisagem, e um certo mistério das névoas que precisa ser enfrentado.

ele não era nem mesmo a pessoa que acreditava ser. Antes da escolha ele não era nada. Ele era uma pessoa sem história real, sofrendo com a falta de sentido para sua vida. Ele era – podemos dizer – apenas um potencial: uma *preconcepção* à procura de uma realização que desse à luz uma concepção (Bion, 1962, 1962/1967).

Se essa concepção vai tomar o caminho do desenvolvimento ou de uma involução, isso vai depender do tipo de acolhimento (continente) e dos processos emocionais (conteúdos) que são desencadeados por situações inevitáveis de perda que ocorrem em toda escolha e em todo julgamento que é feito.

No poema de Frost (1915/2016), no final as estradas levam ao mesmo lugar. Mas o poeta diz que, sendo um caminhante experiente, antes de escolher ficou observando os detalhes – tais como as folhas cobrindo o chão de ambas as estradas –, o quanto foi necessário, e notou que em um dos caminhos as folhas estavam enegrecidas, indicando que muitos caminhantes por ali haviam passado. Todavia, ele estava livre e escolheu o caminho menos trilhado, e *isso* fez toda a diferença.

De certa forma, nossa mente em estado de *preconcepção* pode escolher trilhar ambas as estradas. Pode escolher trilhar uma mais do que a outra, e essa analogia pode ter vários níveis de compreensão e simbolismo. A sucessão de níveis atesta a complexidade da situação exigindo novas ferramentas e novos modelos para se lidar com a psicanálise.

Voltando ao paciente, ele havia relatado perdas muito dolorosas em sua infância. Todavia, essas perdas têm o colorido de uma personalidade que tem inveja, voracidade e ambição. Todos os três afetos estão mal processados pelas experiências passadas com os pais e substitutos. Por isso, ao falar delas não existe emoção alguma, parece que fala de outra pessoa. Ele recorre sempre a uma expressão: “seja razoável!” O que o analista entendeu como ele tentando lhe dizer: “não sinta”.

O paciente descreveu que sua mãe faleceu quando ele tinha seis anos de idade, e que se lembra dela como uma pessoa que não tolerava a expressão de carinhos nem de hostilidades, ela simplesmente “não escutava”, chamando tais manifestações de “pecados”. Portanto, o paciente saiu mal de sua infância, sugerindo alguém cujo olhar ficou preso melancolicamente no passado inelutável. O pai voltou a se casar, mas a madrasta não era muito diferente ao dizer que ele devia ser forte e não se lamentar.

Em outra sessão, ele foi bem hostil, elevando a voz para dizer que o analista *não estava entendendo nada do que ele falava*. O analista apontara a existência de um sentimento de desamparo perante pais poderosos.

Diante desse tom hostil do paciente, o analista disse apenas que ele estava sendo sincero e honesto em expressar o que sente e propôs a seguinte ideia: “quando existe um ponto no qual de fato não se consegue compreender algo, na realidade é um ponto de onde se pode evoluir”.

Na sessão seguinte, ele trouxe um sonho no qual voava por cima de um cemitério e aterrissava logo após numa encruzilhada. Ali ficava parado sem saber qual rua tomar.

O analista destacou que nesta encruzilhada uma das ruas tinha o primeiro nome do analista. E acrescentou que o analisando poderia escolher esse caminho ou o outro, que tem o nome de um general da Guerra do Paraguai.

Ele concordou. Ambos sabíamos que seu pai era militar, e com frequência o paciente a ele se referia de forma depreciativa como “militar de merda”; o analista interpretou que o cemitério aludia a sua infância mal elaborada, à qual tinha ficado preso, pois voara por cima das consequências, ou seja, passara de forma onipotente por cima dos problemas das perdas. O resultado é seu desamparo, que se traduz por irritação e medo.

Ele disse: “você sabia que Hitler morava atrás de um cemitério onde o irmão mais velho logo acima dele foi enterrado? Ele ficava olhando de sua janela para o túmulo do irmão por horas a fio. Essa perda custou muito caro à humanidade.”

Ocorreu ao analista que ele poderia estar avisando de uma enorme devastação que estava por vir se ficasse conhecendo muito sobre suas perdas. Mas a devastação já existia havia anos e era manifesta no uso de álcool e drogas.

Eu entendo que encarar a perseguição dos objetos mortos e fazer a reparação deles, isto é, fazer o luto pelo que está perdido e irreparável – além de conformar-se com as limitações de objetos passados – é um trabalho importante da análise e requer muitas construções. Julgo importante que essas construções expressem *simetrias* que ajudem a não perder o caráter onírico que as permite expandir (Chuster, 2018b). Uma simetria importante é entre onipotência e desamparo, como foi assinalado anteriormente.

Todavia, a elaboração – nos termos anteriormente descritos – depende de escolher a estrada da reparação em vez da estrada da restauração.

Quando a estrada escolhida é a *parte psicótica da personalidade*, temos pacientes que ficam presos nas tentativas de restaurar o irrestaurável. Essa estrada possui os seguintes passos emocionais:

- 1) uma obstinação em julgar que não conhecer é melhor que conhecer;
- 2) um tipo de fúria que obstrui a escuta;
- 3) uma recusa em reconhecer a verdade da forma como ela se apresenta;
- 4) uma mudança catastrófica causada por um conhecimento intolerável que força uma pessoa a se esconder do mundo visível (onipotência, refúgios psíquicos, desamparo).

Podemos colocar essas características como desdobramentos no mito edípico pela ótica da arrogância, ou seja, pela ótica da parte psicótica da personalidade (Bion, 1957/1967). Imaginemos uma grade de hipóteses para essa situação.

Oráculo (<i>hipótese definitiva</i>)	mudança catastrófica pela impossibilidade de dizer toda a verdade
Tirésias (<i>elemento Ψ</i>)	recusa excessiva da verdade que se apresenta
Encruzilhada (<i>notação</i>)	fúria que obstrui a escuta, acidente e morte
Esfinge (<i>atenção</i>)	mudança catastrófica e morte pelo conhecimento

Édipo (*indagação*)

intolerável da verdade
sofrimento e dor da descoberta, ataque a si mesmo
por intolerância à verdade: julgado como arrogante
por insistir em saber o que não deveria ser conhecido

Todas essas características aparecem como transformações, movimentos presentes em todas as imperfeições e todas as incertezas da vida. A identidade que encarna o aprender da experiência é o trágico fundamental dos caminhos em que se cruzam o saber e o não saber.^[3]

Voltemos ao Édipo (Sófocles, citado por Orr, 2016). Enquanto Édipo escolhe um caminho, ou uma questão para fazer, seus interlocutores também escolhem uma resposta e um ato: ocorre uma *inter-ação*.

Para o Oráculo Édipo pergunta: “Quem sou eu?” A resposta: “Você é um miserável. Saia já daqui, condenado a matar seu pai e casar com sua mãe.”

Para Tirésias de novo ele pergunta: “Quem sou eu?” A resposta: “Cale a boca. Mantenha sua questão só *para* você.”

Na encruzilhada: “Para onde vou?” A resposta de Laio: “Saia da minha vista!”

Para a Esfinge: “De onde eu venho?” A resposta foi: “Fique com a resposta para você, pois não vou estar mais viva para saber.”

Para si próprio: “Quem sou eu? De onde eu venho? Para onde eu vou?”^[4]

Nos passos de Édipo temos o confronto entre a cultura como continuidade, a memória da inteligência dos outros, e a criação, seu oposto, como ruptura. Continuidade ou ruptura?

Penso que a resposta depende do *vínculo K* e da direção que vai tomar K, se vai em direção a memória e desejo, ou se vai na direção oposta, de ruptura e percepção da criação do presente.

A imaginação tem um papel importante nessa escolha, e depende da troca flexível entre os símbolos recebidos da cultura e a formação autônoma de símbolos que rompem com a lógica vigente (Meltzer, 1996).

Sabemos que atualmente crianças e jovens estão sendo bombardeados com os símbolos da cultura virtual. Símbolos criados por alguém que muitas vezes não deixa

3. Vou colocar agora uma questão filosófica, embora não descarte que já a estava propondo ao falar de luz e sombra. Através de Zaratustra, Nietzsche assim falou: “Em todo ser vivo eu observei a vontade de poder”. Em alemão, “*wille zu macht*” alude ao fato de que onde existe vontade (desejo) existe vontade de poder (realização), pois a vontade nasce das carências (da impotência, se colocarmos esse sentido como oposto à realização). Podemos desenvolver a questão no sentido óbvio de que desejar é uma coisa e poder realizar é outra. Descartando aqui as noções de poder conectadas a autoridade, pensemos simplesmente no fato de que querer ser analista não garante que se possa, ou poder ser não garante que se continue sendo.

O desejo de ser analista é muito complexo. Não existe no inconsciente tal desejo. Existe toda espécie de desejos edípicos que podem se expressar em relação ao paciente, mas não se pode garantir a ausência de pontos cegos na configuração edípica. Para isso é preciso conhecê-los, e só se faz isso numa análise que seja tão completa quanto possível, ou que percorra o tempo necessário – sendo ambas as expressões impossíveis de definir.

4. As falas aqui retratadas são ideias do autor, não constando em alguma obra.

escolha para mudá-los. Esse é um tipo de situação que se aproxima da *ignorância relativa*. Existe um conhecimento, mas ele não dá margem a nada além de se tornar um espectador da vida. O paciente parece se enquadrar nessa situação com pais que se propõem a ser virtuais, sem emoções.

Alcançamos neste ponto um aspecto extremamente importante no trabalho analítico, que é a riqueza da imaginação no caminho para chegarmos a uma interpretação que possa direcionar *K para O*. Tanto os pacientes quanto os analistas têm capacidades imaginativas variáveis. A diferença não é quantitativa, porque muitos pacientes, como muitos analistas, têm uma imaginação flexível, que pode se mover e mudar com rapidez.

Nos interessa destacar os pacientes que *não* tem uma imaginação flexível, e por essa razão podemos dizer que analogicamente funcionam como crianças que são mais facilmente bombardeadas e influenciadas pelos símbolos heterônomos da cultura.

Uma criança que não tem imaginação flexível torna-se mais consumista – sua voracidade não tem continente emocional –, torna-se mais superficial e passa a exigir do analista uma grande capacidade de formação autônoma de símbolos. O mesmo pode ocorrer com o paciente adulto.

O tipo de funcionamento mental decorrente desta falha da função alfa autônoma torna o indivíduo mais vulnerável ao crime, ao ataque social, à indiferença emocional, à falta de sinceridade e ao desprezo pelo sentido das coisas e pela vida. Podemos englobar essas situações na categoria geral das *mentiras*. O paciente tem conceitos vazios que não se casam com suas intuições do fenômeno emocional que lhe acomete.^[5]

Esses pacientes não são atingidos por interpretações rotineiras, eles nem mesmo conseguem escutar o analista estando presos a um discurso cheio de generalizações e incoerências. É preciso perguntar e ser capaz de pensar usando uma expressão de Roger Money-Kyrle (2015): que tipo de mundo essa pessoa habita? Seja qual for esse mundo, trata-se de um mundo em que a existência do analista é muito incômoda para eles.

Certamente isso sobrecarrega a capacidade imaginativa do analista para não dar interpretações rotineiras, ao ser confrontado com pensamentos rígidos desses

5. Outra paciente ficou agressivamente interessada – no sentido invasivo que já havia sido interpretado muitas vezes – em saber em quem eu votaria nas eleições presidenciais. No entender dela, eu não poderia me omitir de responder a essa questão. A demanda, feita de uma forma bem hostil, é uma expressão de arrogância que supõe que o analista deve assumir a posição de ingenuidade conivente. Como não respondi à pseudoprovação – ela de imediato imaginou que eu estava me omitindo para votar no candidato oposto ao dela –, ameaçou me delatar aos colegas da sociedade psicanalítica, textualmente dizendo que ia me prejudicar profissionalmente. A pergunta seria, por que tanto ódio? O grupo social presente na sessão pode ser chamado de parasitário, sendo a matemática $1 + 1 = 0$ evidente. Essa paciente, que vive aterrorizada e insegura com possíveis desastres em todos os setores de sua vida, pôde ver ali de onde provinha sua destrutividade projetada nos outros. Ela literalmente ameaçou o analista de morte, ou seja, colocou em jogo o superego assassino e, deste modo, mostrou-se vulnerável aos crimes de difamação e injúria, evidenciou-se indiferente emocionalmente ao analista e mostrou um enorme desprezo pelo sentido das coisas. Suas críticas foram preconceituosas e intensamente cruéis. Uma forma de arrogância levando à ignorância total.

pacientes que ficam justificados por discursos ideológicos.

Outra paciente afirma que está sendo escutada na sessão, pois toda vez que fala de seu marido, ele já está sabendo quando chega em casa. Ela diz que ele tem conexões partidárias que a fazem ser vigiada por muitas pessoas. Ela conta isso sem emoções no relato.

Foi em virtude desses pacientes que muitas análises fracassaram e se transformaram numa técnica sedutora, de conluio com os pacientes, ou seus familiares, uma técnica com pouco efeito no sentido de penetrar no inconsciente dessas pessoas. Em poucas palavras, deixou-se de analisar a parte psicótica da personalidade.

Os pacientes mencionados têm e trazem o *superego assassino* para as sessões – que é uma espécie de terceiro que está escutando a conversa com o analista. Na fantasia da paciente, há uma quebra da segurança do *setting* com a presença deste objeto mau e, obviamente, destrutivo da relação analítica.

Teorizações sobre transferência positiva e negativa têm pouca importância terapêutica nesses casos. Não se pode atuar psicanaliticamente bloqueando a necessidade de expressar essa falha da função alfa presente nas concepções e conceitos que criam o mundo onde essa pessoa habita.

Alguns desses pacientes são bons de conversa, falam sem parar, como se quisessem não dar espaço para o analista dizer algo. Os discursos têm altas doses de generalização e apagamento do sujeito das orações; inventam histórias e estatísticas para provar qualquer coisa, mas isso encobre a capacidade que eles têm para pensar.

É preciso admitir a expressão dessas falhas na análise e seguir a resposta dada pelo campo complexo, confiando na relação intuitiva/imaginativa com o paciente – visto como uma mente em desenvolvimento que ficou estancada em algum ponto do desenvolvimento das concepções e conceitos sobre o mundo. Essa parada do desenvolvimento se traduz também por falhas no que podemos chamar de barreira de contato ética. Valores como sinceridade e honestidade são atacados e, como consequência, surge uma fragilidade no valor das palavras, no caráter, na coragem, na compaixão e no respeito à vida.

Essa visão da técnica implica uma diferença fundamental de interesse no desenvolvimento e não se deixar levar por ideias de “cura” do paciente. Pois “cura” como o cuidar de si mesmo está sempre comprometida com o espectro das falsas premissas e mentiras.

O desenvolvimento da análise requer enfatizar o direito à existência digna na construção da subjetividade, e também na compreensão profunda da destrutividade da parte psicótica no espectro de concepções e conceitos.

A destrutividade do superego assassino não pode ser abordada de forma moral – tal como dizer que o paciente não fala algo real –, mas pela compreensão da falha proveniente da dor psíquica que tomou o caminho da parte psicótica da personalidade. Assim, o problema não é a intensidade da dor, mas a *atitude* psicanalítica em relação a essa dor, atitude que depende da capacidade para pensar. Isso só pode ser feito se houver interesse não pela dor em si, mas pelo *significado* da dor – essa é uma

questão fundamental.

Poderá parecer que o analista está sendo duro e insensível se fala, por exemplo, de um assassino na sessão agindo por vezes abertamente, e outras insidiosamente. Contudo, é um fato clínico comprovado que quanto mais você se interessa pelo significado da dor, quanto mais se pode mostrar o caráter narcísico das concepções presentes na dor, mais tolerância à dor se desenvolve e um outro rumo começa a aparecer. Digamos que um navegador começa a ser inserido no meio da turbulência que pode levar a um desastre psíquico. A estrela-guia desse navegador é a intuição que respeita a vida e o futuro.

Com a obra de Bion, ficou evidente que a função da psicanálise é resguardar o pensamento humano e preservar, com isso, a autonomia social.

Como psicanalistas, não somos médicos nem psicólogos, não somos sociólogos, antropólogos, nem consultores de qualquer coisa, nem assistentes sociais. Estamos exercendo uma atividade inédita na história da humanidade, em busca do sentido profundo das coisas para favorecer e preservar o pensamento e a capacidade para pensar.

Consideraciones sobre el vínculo K: transitando entre el presente, pasado y futuro

Resumen: El autor hace analogías poéticas con la finalidad de ilustrar el vínculo K en los movimientos que ocurren en la sesión analítica. Propone una *grilla de hipótesis* en los despliegues del mito de Edipo por la óptica de la arrogancia, o sea, la parte psicótica de la personalidad. Señala que, en los pasos de Edipo, existe un enfrentamiento entre la cultura como una continuidad de la memoria de la inteligencia de los otros, y la creación, su antónimo, como ruptura de esta continuidad. Sin embargo, la opción entre continuidad o ruptura va a depender del vínculo K y de su recorrido: si va hacia la memoria y el deseo, o si va en el sentido contrario, hacia la ruptura con lo conocido y establecido. Con la definición del vínculo K, la obra de Bion evidencia que la función del psicoanálisis consiste en resguardar el pensamiento y preservar en el individuo la adquisición de autonomía social. Él lo hace al buscar el sentido profundo de las cosas, sentido que favorece y preserva el pensamiento y la capacidad de pensar.

Palabras clave: vínculo K, parte psicótica de la personalidad, capacidad de pensar

Considerations on the K link: transiting between present, past and future

Abstract: The author makes poetic analogies in order to illustrate the K link in the analytic session movements. He proposes a *grid of hypotheses* for the unfolding of the Oedipus myth from the arrogance perspective, that is, the psychotic part of the personality. He points out that in the Oedipus steps there is the confrontation between the culture as continuity of the others' intelligence memory, and the

creation, its opposite, as rupture of such continuity. However, the choice between continuity or rupture will depend on the K link and its direction: whether it goes towards memory or desire, or whether it goes in the opposite direction, towards rupture with what is known and established. With the K link definition, Bion's work makes it evident that the psychoanalysis function is to safeguard the thought and to preserve the acquisition of social autonomy by the individual. It does so while searching for the deep meaning of the things that favors and preserves the thought and the capability to think.

Keywords: K link, personality's psychotic part, capability to think

Referências

- Bion, W. R. (1962). *O aprender da experiência*. Zahar.
- Bion, W. R. (1963). *Os elementos de psicanálise*. Zahar.
- Bion, W. R. (1965). *Transformações*. Imago.
- Bion, W. R. (1967). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. In *Second thoughts* (pp 43-64). Butterworth-Heinemann. (Trabalho original publicado em 1956)
- Bion, W. R. (1967). On arrogance. In *Second thoughts*. Jason Aronson Inc. (Trabalho original publicado em 1957)
- Bion, W. R. (1967). A theory of thinking. In *Second thoughts*. Jason Aronson Inc. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1967). *Notes on memory and desire*. Imago.
- Bion, W. R. (1970). *Atenção e interpretação*. Imago.
- Bion, W. R. (1975). *The grid and caesura*. Imago.
- Bion, W. R. (1994). *Clinical seminars and other works*. Karnac.
- Chuster, A. (2018a). Serendipidade, capacidade negativa e memória do futuro: pensamentos selvagens em busca de uma descoberta. *Berggasse 19*, 8(2), 18-36.
- Chuster, A. (2018b). *Simetria e objeto psicanalítico: desafiando paradigmas com W. R. Bion*. Trio Studio.
- Chuster, A. (2018c). Sortilégio: a experiência entre o ser e o nada. *Berggasse 19*, 9(1), 36-51.
- Frost, R. (2016). The road not taken. In D. Orr, *The road not taken: finding America in the poem everyone loves and almost everyone gets wrong* (p. 65-66). Penguin Books. (Trabalho original publicado em 1915)
- Meltzer, D. (1996). *Meltzer em São Paulo: seminários clínicos* (M. O. A. F. França & E. S. Marra, Orgs.). Casa do Psicólogo.
- Money-Kyrle, R. (2015). *Man's picture of his world and three papers* (M. H. Williams, Ed.). Karnac.
- Orr, D. (2016). *The road not taken: finding America in the poem everyone loves and almost everyone gets wrong*. Penguin Books.

Bibliografia consultada

- Chuster, A. (1989). *Um resgate da originalidade: os conceitos essenciais da psicanálise em W.R. Bion*. Degraus Cultural.
- Chuster, A. (1995). *Aspectos históricos, filosóficos e epistemológicos da obra de W.R. Bion* [Conferência]. III Jornada Científica do Instituto Wilfred Bion, Porto Alegre, RS, Brasil.

- Chuster, A. (1995). *Existe uma escola de Bion?* [Conferência]. III Jornada Científica do Instituto Wilfred Bion, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Chuster, A. (1995). *O legado técnico de Bion* [Conferência]. III Jornada Científica do Instituto Wilfred Bion, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Chuster, A. (1995). *O que mudou na prática clínica a partir de Bion?* [Conferência]. III Jornada Científica do Instituto Wilfred Bion, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Chuster, A. (1996). *Diálogos psicanalíticos sobre W. R. Bion*. Tipo & Grafia.
- Chuster, A. (1997). O ensino de Bion. *Revista do Instituto Bion*, (1).
- Chuster, A. (1997, julho). *Facing what can never be reached* [Apresentação de painel]. International Centennial Conference on the Work of W. R. Bion, Turim, Itália.
- Chuster, A. (1997, novembro). *A influência da ciência na obra de W.R. Bion* [Apresentação de trabalho]. Simpósio Comemorativo W. R. Bion – 100 anos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Chuster, A. (1997). A influência da ciência na psicanálise. *Revista do CEPdePA*, 6(6).
- Chuster, A. (1997, julho). *The myth of Satan: an aesthetic view of Bion's concept of transformation in O* [Apresentação de painel]. International Centennial Conference on the Work of W. R. Bion, Turim, Italia.
- Chuster, A. (1998). Bion cria de fato uma nova psicanálise? *Revista de Psicanálise da SPPA*, 5(3), 311-337.
- Chuster, A. (2001). Comentários sobre a Conferência de Bion em Paris (1978). *Revista da Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 8, 103-106.
- Chuster, A. (2002, fevereiro). *An Oedipal grid* [Apresentação de trabalho]. III International Conference on the Work of Wilfred Bion: Insights and Impressions, Los Angeles, CA, Estados Unidos.
- Chuster, A. (2004). *Os princípios ético-estéticos de observação* [Apresentação de trabalho]. Conferência Internacional sobre a Obra de Bion, São Paulo, SP, Brasil.
- Chuster, A. (2005, fevereiro). *A brief survey in the difference between fantasy and imagination in the light of Bion's ideas* [Apresentação de artigo]. Massachusetts Institute of Psychoanalysis, Boston, MA, Estados Unidos.
- Chuster, A. (2005, julho). *Interpretações analíticas e princípios ético-estéticos de observação* [Apresentação de trabalho]. 44º Congresso da IPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Chuster, A. (2006). Transformações e significado. In J. R. Avzaradel (Org.), *Linguagem e construção do pensamento*. Casa do Psicólogo.
- Chuster, A. (2007). As origens do inconsciente: arcabouços da mente futura. *Revista da SBPdePA*, 14(2).
- Chuster, A. (2009). Lavorare con Bion nella clinica psicoanalitica. In G. Corrente (Ed.), *Con Bion verso il futuro*. Borla.
- Chuster, A. (2010). The origins of the unconscious. In J. van Buren & S. Alhanati (Eds.), *Primitive mental states: a psychoanalytical exploration of the origins of meaning*. Routledge.
- Chuster, A. (2012). Cesura e imaginação radical: obtendo imagens para a ressignificação da história primitiva no processo analítico. In J. R. Avzaradel (Org.), *Sobre a linguagem e o pensar*. Casa do Psicólogo.
- Chuster, A. (2013). *A importância da imaginação do analista na prática clínica: um ensaio sobre a capacidade de se conectar com o mais primitivo* [Apresentação de trabalho]. X Jornada Científica do Instituto Wilfred Bion, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Chuster, A. (2013, setembro). *Bion: uma leitura complexa na contemporaneidade* [Realização de curso]. XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise, Campo Grande, MS, Brasil.
- Chuster, A. (2013). *Quando tirar proveito de um mau negócio se torna quase impossível: um ensaio*

- sobre a possessividade e correlatos [Apresentação de trabalho]. X Jornada Científica do Instituto Wilfred Bion, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Chuster, A. (2014). *A lonesome road: essays on the complexity of W. R. Bion's work*. Karnac.
- Chuster, A. (2015). A personalidade irascível. *Reverie: Revista de Psicanálise*, 8(1).
- Chuster, A. (2016, abril). *Em uma sessão estou interessado naquilo que não sei* [Apresentação de trabalho]. IX Jornada de Psicanálise: Bion 2016, São Paulo, SP, Brasil.
- Chuster, A. (2017). *Comentários ao trabalho de Altamirando Mattos de Oliveira Filho*. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Chuster, A. (2017). *Comentários ao trabalho O desamparo e a mente do analista de Leda Spessoto*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Chuster, A. (No prelo). *Experiences with wild thoughts*.
- Chuster, A., Soares, G., & Trachtenberg, R. (2014). *W. R. Bion: a obra complexa*. Editora Sulina.
- Chuster, A., Stürmer, A., Ribeiro, C. J., Vack, R., Chinazzo, S., & Timmen, V. (2018). *Capacidade negativa: um caminho em busca da luz*. Zagoboni Editora.
- Chuster, A. & Trachtenberg, R. (2009). *As sete invejas capitais: uma leitura psicanalítica contemporânea sobre a complexidade do mal*. Artmed.
- Chuster, A. et al. (1999). *W. R. Bion: novas leituras: a psicanálise: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos* (Vol. 1). Companhia de Freud.
- Chuster, A. et al. (2011). *O objeto psicanalítico: fundamentos de uma mudança de paradigma na psicanálise*. Edição Instituto W. Bion.
- Conte, J. C. (Org.). (1997). *Cadernos de Bion 1: seminários com Arnaldo Chuster: uma teoria do pensar, aprendendo com a experiência*. Escuta.

Arnaldo Chuster

Endereço: Rua Visconde de Pirajá, 547/1010, Ipanema. Rio de Janeiro/RJ.

CEP: 22410-003

Tel.: (21) 2259-7298

E-mail: achuster@centroin.com.br